

CHRISTINE ESCALLIER
E NELSON VERÍSSIMO (ORG.)



EDUCAÇÃO E CULTURA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Departamento de Ciências da Educação

CHRISTINE ESCALLIER E NELSON VERÍSSIMO (ORG.)

EDUCAÇÃO E CULTURA

EDUCAÇÃO E CULTURA

CHRISTINE ESCALLIER E NELSON VERÍSSIMO (ORG.)

Educação e Cultura

**II Colóquio do Departamento de Ciências da Educação
da Universidade da Madeira**

e

**VII Colóquio Internacional da Sociedade Europeia de
Etnografia da Educação**

**UNIVERSIDADE DA MADEIRA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
2008**

Educação e Cultura: Actas do II Colóquio do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira e VII Colóquio Internacional da Sociedade Europeia de Etnografia da Educação

Organização: Christine Escallier, 1957- e Nelson Veríssimo, 1955-

Edição: Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira

Apoio: Fundação para a Ciência e Tecnologia, FCT.

Impressão: Grafimadeira, Funchal.

Depósito Legal:

ISBN:

Plurilinguismo na Universidade da Madeira: um caso de multiculturalismo

Ana Isabel MONIZ
Helena REBELO
Universidade da Madeira (Portugal)

Resumo

Tem-se verificado que o corpo docente da Universidade da Madeira (UMa) é cada vez mais heterogéneo. Nesta universidade periférica, cruzam-se professores com realidades culturais distintas porque provenientes dos quatro cantos do mundo. O que acontecerá com os estudantes? Serão também eles provenientes de países e culturas diferentes?

Propõe-se uma análise desta realidade. Assim sendo, com diversas perguntas reflectir-se-á sobre este sistema universitário pequeno, mas aberto ao mundo e à diferença. De onde são originários os docentes e os estudantes da UMa? Que línguas falam? Há quanto tempo falam português? Fizeram algum curso de língua portuguesa? Há quantos anos vivem na Madeira? Como vêem a sociedade madeirense? Este estudo mostrará, por certo, os diversos lados de uma academia multicultural e plurilingue original. Poderá evidenciar a importância da diversidade linguística e cultural na educação universitária. O multiculturalismo e o plurilinguismo revelar-se-ão fundamentais no desenvolvimento dos jovens universitários, num mundo cada vez mais globalizado.

Résumé

Plurilinguisme à l'Université de Madère – Un cas de multiculturalisme

L'ensemble des enseignants de l'Université de Madère (UMa) est de plus en plus hétérogène. À l'intérieur de cette université périphérique se croisent quotidiennement des enseignants porteurs de multiples réalités culturelles parce qu'ils sont originaires des quatre coins du monde. Retrouve-t-on le même phénomène chez les étudiants?

Nous nous proposons d'analyser cette réalité, à partir de diverses questions concernant le système universitaire, ouvert au monde et à la différence. D'où viennent les enseignants et les étudiants de l'UMa? Quelles langues parlent-ils? Parlent-ils portugais? Depuis quand? Ont-ils suivi des cours de langues portugaises? Vivent-ils à Madère depuis longtemps? Comment voient-ils la société madérienne? Cette recherche devra permettre de montrer les divers côtés d'une académie multiculturelle et plurilingue. Elle devra souligner l'importance de la diversité linguistique et culturelle dans le cadre de l'éducation universitaire. Le multiculturalisme et le plurilinguisme seront, évidemment, fondamentaux pour le développement des jeunes universitaires, dans un monde qui se globalise à grand pas.

“Em toda a Terra, havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras. (...) Os homens (...) disseram: «Vamos construir uma cidade e uma torre, cuja extremidade atinja os céus.» (...) O Senhor, porém, desceu, a fim de ver a cidade e a torre que os filhos dos homens estavam a edificar. E o Senhor disse: «Eles constituem apenas um povo e falam uma única língua. Se principiarem desta maneira, coisa nenhuma os impedirá, de futuro, de realizarem todos os seus projectos. Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles que não se compreendam uns aos outros.

E o Senhor dispersou-os dali para toda a face da Terra, e suspenderam a construção da cidade. Por isso, lhe foi dado o nome de Babel, visto ter sido lá que o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da Terra (...).”

Gn 11, 1-9

A Educação apresenta-se como um espaço de memória e de conservação das especificidades culturais de qualquer indivíduo. A Língua e a Cultura assumem-se como veículos de perpetuação da alma de um povo e, por conseguinte, a forma de expressão de um imaginário de pluralidade e de diferença numa das suas múltiplas formas de abertura ao diálogo com o Outro. É, deste modo, evidente que, nos nossos dias, as competências em línguas estrangeiras se tornaram cada vez mais indispensáveis aos cidadãos para trabalharem eficazmente no seu país, como em qualquer outro lugar do mundo. Dominar outras línguas e, assim, também, outras culturas, além da materna, é uma maneira eficaz de ultrapassar as diferenças culturais do Outro e a possibilidade de dar resposta à tendência actual de um mundo que tende cada vez mais para a globalização, “o magma universal de imagens e vozes”, como lhe chamou Eduardo Lourenço (2001, p. 105).

Neste sentido, o trabalho que nos propomos apresentar surgiu da vontade de saber da existência de outras línguas e de outras culturas na Universidade da Madeira (UMa), espaço onde todos os dias se cruzam docentes e discentes, cujos percursos de vida poderão, certamente, revelar uma considerável diversidade cultural. O objectivo de estudar a ligação entre *multiculturalismo*¹ e *plurilinguismo* na Universidade da Região Autónoma da Madeira (RAM) derivou, também, da constatação empírica do número de docentes e de discentes que falam outras línguas, além do português, ser tendencialmente, cada vez maior. Este facto levou-nos a pensar que muitos deles falariam essas línguas porque eram naturais de países estrangeiros. Um outro aspecto que nos permitiu relacioná-los foi verificar que a diferença era também fisionómica e de hábitos.

No início dos dezoito anos² de existência da Universidade na RAM, tanto os discentes, como os docentes, eram oriundos de Portugal, das suas diversas regiões, incluindo os Açores. De entre todas, destacou-se sempre, evidentemente, a da Madeira. Os luso-descendentes e os estrangeiros, pelos dados a que tivemos acesso, eram quase inexistentes nos primeiros anos. Actualmente, a situação está em franca mudança,

¹ Há quem preferia a noção de “interculturalismo” em vez de “multiculturalismo” por a primeira implicar a relação entre as diversas culturas e a segunda apenas constatar a diferença. Optámos, aqui, por não distingui-las, uma vez que podem ser sequenciais: descobrir a diversidade cultural será um primeiro passo e, consequentemente, num segundo, poderá haver trocas culturais. Daí, surgem as noções de “inter-multiculturalidade” ou “inter-multicultural” com a junção dos dois prefixos “inter”, que implica relação, e “multi”, diversidade. Ver, a este propósito, Andreia Lobo (2005, p. 32).

² Ver, por exemplo, Rui Carita, brochura do *Colégio dos Jesuítas do Funchal*, s. p., s. d.: “[Edifício] Adquirido pela Junta Geral e pelo Governo Regional, entre 1970 e 4 de Setembro de 1980, data do auto final de entrega, veio a ser cedido em 1988 à Universidade da Madeira.”

podendo vir a ter contornos interessantes nos próximos anos, visto a população académica tender a crescer e a diversificar-se. O fenómeno é bastante recente e merecia ser estudado, já que temos vindo a verificar, anualmente, que o corpo docente da UMA é cada vez mais heterogéneo. Neste ambiente universitário periférico e restrito, cruzam-se professores com realidades culturais distintas porque provenientes de diferentes países, alguns com carácter de permanência, outros apenas de passagem, como iremos ver mais adiante. Curiosamente, acontece o mesmo com os estudantes, uma vez que são também eles provenientes de países e culturas diferentes, facto que, em alguns casos, se deve aos programas europeus de intercâmbio promovidos pela União Europeia, ao abrigo de Programas de Mobilidade. Há-os, quer para estudantes, quer para docentes, dentro do espaço da União Europeia. Este intercâmbio é incentivado e apoiado por diversos programas, como ERASMUS/SÓCRATES, através do qual a UMA tem desenvolvido protocolos com várias Universidades de países europeus, nomeadamente com a Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Eslovénia, Finlândia, França, Inglaterra, Itália, Lituânia, Noruega, Polónia, Roménia e República Checa³.

Tendo o Departamento de Ciências da Educação em boa hora proposto um Colóquio onde o tema do multiculturalismo iria ser objecto de discussão, pensámos abordar o fenómeno que temos vindo a observar. Propomos uma análise desta realidade que entrelaça plurilinguismo e multiculturalismo, como consequência do esbatimento de fronteiras na abertura à livre circulação de pessoas, culturas e saberes. Assim sendo, com diversas perguntas reflectiremos sobre este sistema universitário pequeno, mas aberto ao mundo e à diferença. De onde são originários os docentes e os estudantes da UMA? Que línguas falam? Há quanto tempo falam português? Fizeram algum curso de língua portuguesa? Há quantos anos vivem na Madeira? Como vêm a sociedade madeirense? Para o efeito, a extensão da análise foi reduzida ao ano lectivo de 2005-2006, sendo a data limite Maio de 2006. Distribuímos o inquérito⁴ pela população académica, envolvendo os intervenientes directos no processo de ensino-aprendizagem, quer docentes, quer discentes. A recolha só ocorreu após ter sido dado um tempo suficiente para que pudessem preencher calmamente o inquérito, visto que pretendíamos recolher o maior número possível de dados. Num universo bastante circunscrito, julgamos ter conseguido uma amostra representativa da população a estudar.

1- Identificação dos inquiridos

O nosso estudo incidiu sobre os cerca de 2500 alunos de todas as licenciaturas da Universidade da Madeira inscritos no ano lectivo transacto e conseguimos uma amostra de 226 alunos, representativa dos diversos cursos de licenciatura. Relativamente ao corpo docente da UMA, dos 151 docentes de carreira, no ano lectivo de 2005-2006, obtivemos resposta a 78 inquéritos, ou seja, cerca de 52% de inquiridos. Nas respostas à pergunta 1.1 dos inquéritos, “Sexo/Idade” dos docentes (DOC) e discentes (DIS), verificámos, sem contabilizar as respostas em branco “Não Respondeu” (N/R), que o maior número foi do sexo feminino⁵: 200, sendo 156 DIS e 44 DOC, contra 105

³ Cf. www.uma.pt

⁴ Os cinco pontos que constituem o Inquérito com as respectivas perguntas (1- Identificação dos Inquiridos; 2 - Relação com o meio; 3 - Formação/Actividade; 4 - Idiomas; 5 - Resultados da Experiência na UMA e 6 - Observações) serão seguidos ao longo deste trabalho.

⁵ Na revista *Visão* n.º 709, de 5 a 11 de Outubro de 2006, encontramos esta mesma ideia em “A vida num canudo”, pp. 60-66. No quadro da p. 63, com o título “País Ilustrado”, verificámos que as mulheres estudam mais do que os homens. Por exemplo, nos 5586,4 milhões de população activa portuguesa, 442,5

inquiridos masculinos: 33 DOC e 72 DIS. Nos docentes é irrelevante a diferença: 33 homens e 44 mulheres, além de uma resposta em branco. No que concerne aos alunos, obtivemos 71 respostas do sexo masculino e 155 do sexo feminino, o que nos permite confirmar a ideia de que existem mais discentes do sexo feminino, ou seja, 46,2%.

Como se poderá verificar no gráfico 2, para os parâmetros “Idade/Sexo” dos docentes (1.1 do inquérito), optámos por estabelecer as seguintes faixas etárias: menos de 29 anos; de 30 a 39; de 40 a 49; de 50 a 59 e de 60 em diante. Verificámos que o maior número de respostas se situou nos grupos dos 30-39 e 40-49 anos, destacando-se o considerável número de docentes do sexo feminino na casa dos 40-49 e dos 50-59 anos. Não obtivemos qualquer resposta dos inquiridos para a camada dos 60 anos em diante. No entanto, nas faixas até aos 29 e dos 30-39 anos, os homens estão sensivelmente em maior número. Olhando para o gráfico 2, concluímos que a média da idade dos docentes da Universidade da Madeira se situa entre os 40 anos. No que diz respeito aos discentes, a média de idades ronda os 20-29 anos. Pela leitura do gráfico 2a, constatámos que o maior número de respostas se situa entre as faixas etárias até aos 19 e dos 20 aos 29 anos, com particular incidência no segundo grupo. Como já vimos, predominaram as respostas das inquiridas do sexo feminino. Da análise global deste gráfico, destacámos as respostas das casas dos 30 aos 39 e dos 40 aos 49 anos, tendência que poderá vir a acentuar-se⁶.

No que respeita ao ponto 1.2 do inquérito (Gráfico 3) relativo ao país de origem dos docentes, embora Portugal seja a naturalidade predominante, é curioso verificar que encontramos diversas proveniências: Venezuela, França, Argentina, Alemanha, Zimbabué e Brasil. A América do Sul é a zona mais representada com três países, dois dos quais de língua espanhola. Segue-se a Europa com a língua alemã e a francesa, havendo apenas um país africano de língua oficial inglesa. Fazendo parte da comunidade académica, sabemos, no entanto, haver docentes de outros países, entre os quais Rússia, Vietname, China, Espanha, Itália, entre outros que, logicamente, não constituem objecto do nosso estudo.

Quanto ao país de origem dos discentes, esta situação, no geral, mantém-se. A maioria dos inquiridos é de nacionalidade portuguesa, havendo, contudo, como para os docentes, uma minoria de diversas nacionalidades. O segundo país mais representado, depois de Portugal, é a Venezuela (8%). Destaca-se, todavia, a Europa com três países da Europa de Leste, República Checa, Polónia e Ucrânia, aos quais se juntam Suíça e Itália. O continente africano também está representado com dois países de língua oficial portuguesa – Moçambique⁷ e Angola – e dois de língua oficial inglesa: África do Sul e Suazilândia. Por sua vez, mas sempre com o predomínio de Portugal, são menos variadas as origens dos pais dos docentes: Europa, com França e Alemanha, América do Sul, com Brasil e Argentina e Norte de África, com Argélia. É reduzido o número de estrangeiros, embora seja bastante variado. No que diz respeito aos pais dos discentes, mantém-se o predomínio da nacionalidade portuguesa, destacando-se outras

são mulheres com ensino superior, enquanto a população activa masculina com ensino superior é de 310,3.

⁶ Cf. Zélia Castro, 2005.

⁷ De acordo com o artigo 5.º da Constituição moçambicana (revisão de 1990), “na República de Moçambique, a língua portuguesa é a língua oficial”. No entanto, o Recenseamento Geral da População e Habitação, realizado em 1997, prova que o português é a língua materna de apenas 6% da população. O mesmo artigo 5.º da Constituição refere também que “o Estado valoriza as línguas nacionais e promove o seu desenvolvimento e uso crescente como línguas veiculares e na educação dos cidadãos”, razão pela qual se poderá justificar a identificação, em Moçambique, de diversas línguas nacionais, todas de origem bantu.

proveniências tais como Europa (Espanha, Dinamarca, Suécia, Itália, Alemanha, Checoslováquia, Polónia e Roménia) e América do Sul (Brasil, Venezuela e Colômbia).

Para o ponto 1.3 - “Foi emigrante? Onde?”, há a salientar uma pequena taxa de docentes do sexo feminino que emigraram, sendo mais acentuado o caso dos docentes masculinos. Quanto aos discentes, a taxa de emigração é também reduzida, sendo idêntica em ambos os sexos. No gráfico 6, onde fazemos o balanço do conjunto dos docentes que emigraram, verificámos que 36% tiveram uma experiência de emigração. Como referimos, esta percentagem deve-se, essencialmente, aos docentes do sexo masculino.

Fazendo a síntese dos gráficos 5 e 6, observámos que a maioria dos docentes da UMA não teve uma experiência de emigração. No caso dos discentes (Gráfico 6a), constatámos que a percentagem de 13% é mais baixa para os docentes. No conjunto, é, portanto, maior o número daqueles que não emigraram: 83%. Em contrapartida, os países de emigração dos discentes são variados, tendo sido referidos doze: Roménia, França, Suíça, Inglaterra (incluindo as ilhas do canal: Jersey e Guernsey), Palestina⁸, Estados Unidos, Austrália, África do Sul, Suazilândia e Portugal para alunos estrangeiros.

DOCENTES/DISCENTES- SEXO
GRÁFICO 1

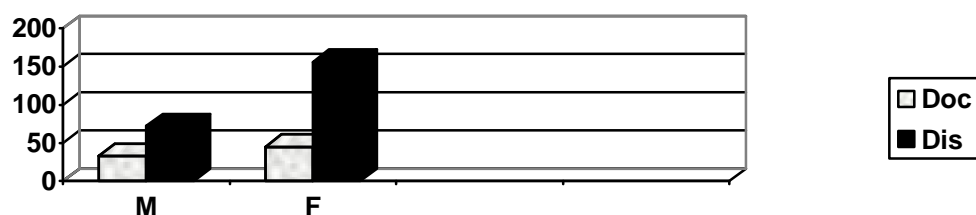


GRÁFICO 1 - Responderam mais discentes do que docentes e mais inquiridos do sexo feminino do que masculino.

DOCENTES - IDADE/ SEXO
GRÁFICO 2

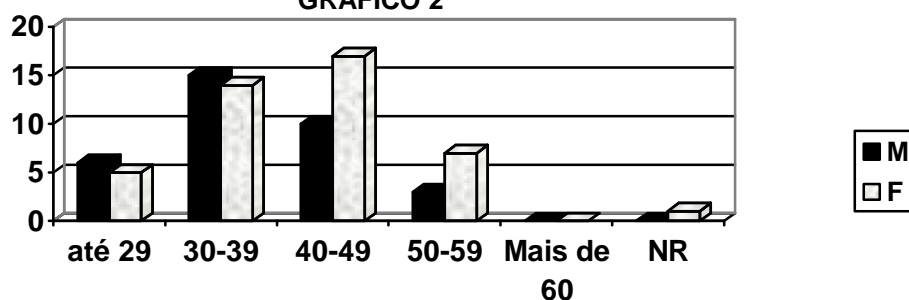


GRÁFICO 2 - As idades dos docentes inquiridos apontam para um corpo docente relativamente jovem.

⁸ Apesar dos conflitos do Médio Oriente e da questão política ser complexa, considerámos os territórios palestinianos como um país. Aliás, foi também essa a interpretação de quem deu a resposta ao inquérito.

DISCENTES - IDADE/ SEXO
GRÁFICO 2a

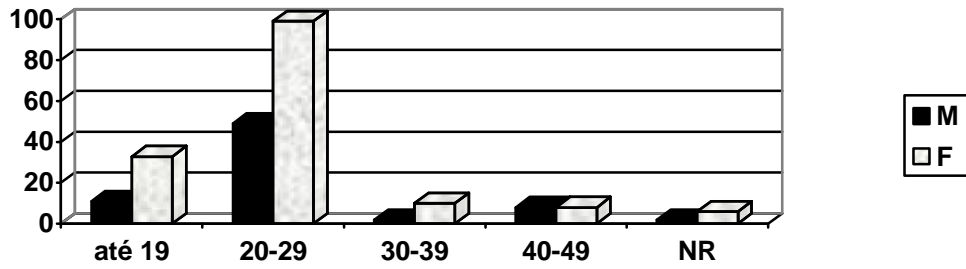


GRÁFICO 2a - As idades dos discentes inquiridos indicam alunos relativamente jovens.

DOCENTES - PAÍSES ESTRANGEIROS
GRÁFICO 3

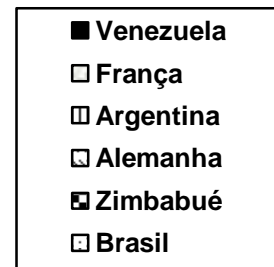
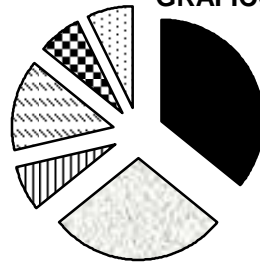


GRÁFICO 3 - Há um considerável número de docentes estrangeiros.

DISCENTES - PAÍS DE ORIGEM
GRÁFICO 3a

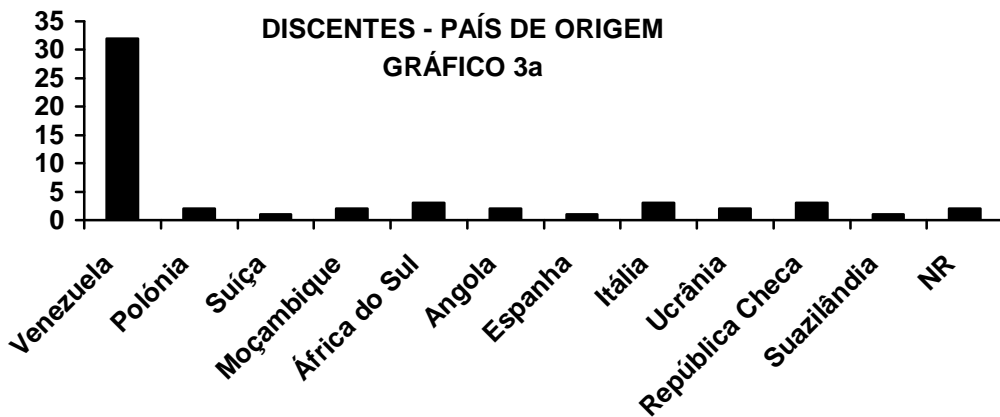


GRÁFICO 3a - A nacionalidade dos discentes inquiridos é maioritariamente a portuguesa, havendo um número considerável de estrangeiros.

DOCENTES - NATURALIDADE DOS PAIS
GRÁFICO 4

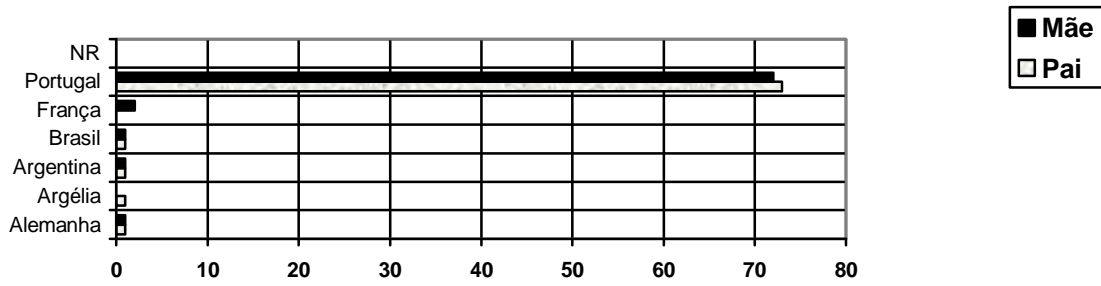


GRÁFICO 4 - A naturalidade dos pais dos docentes inquiridos é maioritariamente portuguesa, havendo um pequeno grupo de estrangeiros.

DISCENTES - NATURALIDADE DOS PAIS
GRÁFICO 4a

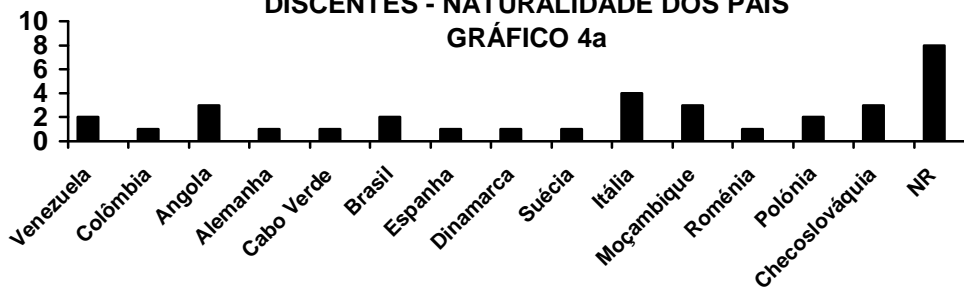


GRÁFICO 4a - Não considerando Portugal, os países de origem dos pais dos discentes são muito variados.

DOCENTES/DISCENTES - EMIGRAÇÃO
GRÁFICO 5

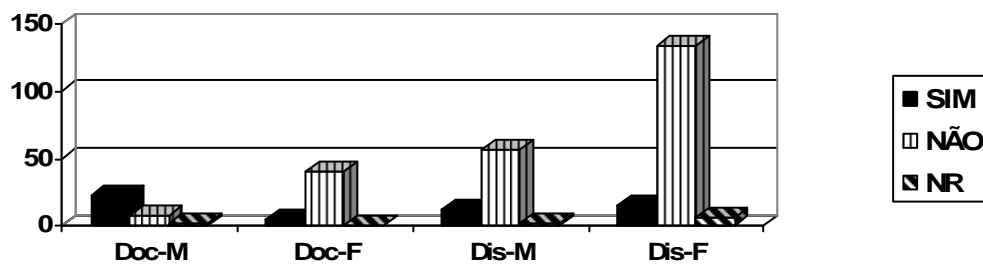


GRÁFICO 5 - É maioritário o número dos inquiridos que não emigrou, excepto no grupo dos docentes de sexo masculino.

DOCENTES - EMIGRAÇÃO
GRÁFICO 6

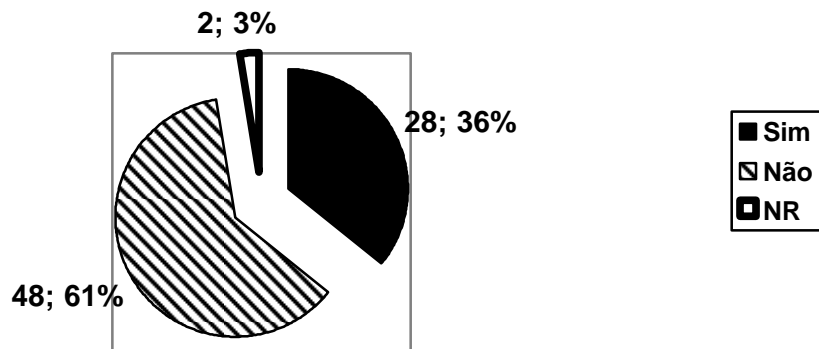


GRÁFICO 6 - No conjunto, é considerável o número de docentes que teve uma experiência de emigração.

DISCENTES - EMIGRAÇÃO
GRÁFICO 6a

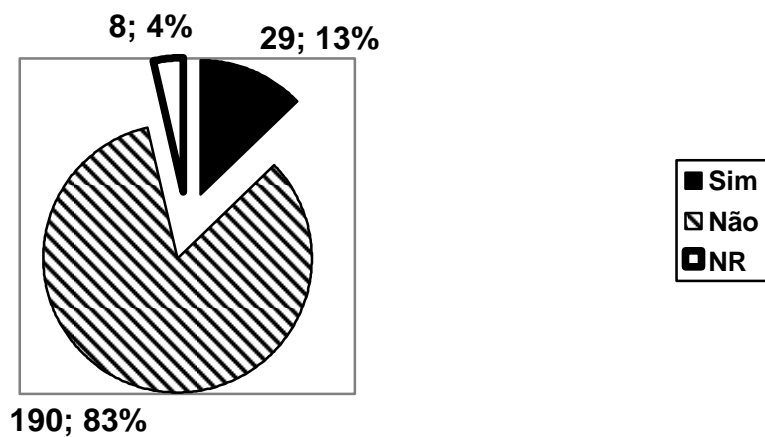


GRÁFICO 6a - É insignificante o número dos discentes que afirmou ter tido uma experiência de emigração.

DISCENTES - PAÍS DE EMIGRAÇÃO
GRÁFICO 6b

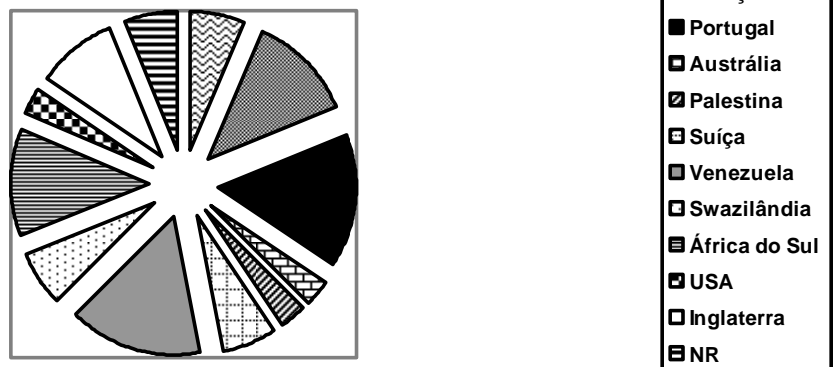


GRÁFICO 6b - O leque de países de emigração dos discentes é bastante alargado.

2 - Relação com o meio

Considerámos importante compreender a relação dos inquiridos com os meios onde vivem e partilham experiências: a região e a universidade. O primeiro, enquanto espaço aberto ao turismo, é bastante heterogéneo. O segundo, parte integrante do primeiro, sê-lo-á, logicamente, muito menos com uma população mais estável e fixa. Esta relação com o meio foi avaliada com três perguntas.

Para a 2.1., “O facto de, a 31 de Maio de 2006, residir no Arquipélago da Madeira é uma situação: Permanente/Temporária: Até 1 ano/ De 1 a 3 anos/ Mais de 3 anos” (cf. Gráfico 7), verificámos que, para uma grande maioria dos inquiridos, a razão de, a essa data, residir no Arquipélago da Madeira se tratava de uma situação permanente. Os dados de permanência temporária são irrelevantes, sendo, no entanto, mais acentuados para os discentes, até porque alguns deles são alunos do Programa Erasmus.

Por sua vez, à pergunta 2.2, “Considera o Arquipélago da Madeira e a Região Autónoma da Madeira como um meio multicultural e plurilingue?”, decorrente da análise do gráfico 8, constatámos que a maioria dos docentes inquiridos considera a RAM e a UMA meios multiculturais e plurilingues. É curioso verificar que os docentes consideram a universidade mais plurilingue do que a Região e sensivelmente menos multicultural do que a RAM. Para a maioria dos discentes, a UMA e a RAM são plurilingues, situando os dois meios praticamente ao mesmo nível. Uma larga maioria vê a Região e a Universidade como espaços bastante multiculturais, embora considere a RAM um pouco mais: 172 respostas em relação às 150 para a UMA. Portanto, docentes e discentes não têm a mesma perspectiva dos meios onde estão inseridos. Será por os primeiros terem uma experiência multicultural e plurilingue maior?

Finalmente, para a pergunta 2.4, “De que forma avalia a importância de uma experiência multicultural/plurilingue a nível académico?”, não surgiram respostas inesperadas, já que a quase totalidade dos inquiridos a consideram uma experiência muito importante (Gráficos 9 e 9a).

DOCENTES/DISCENTES - RESIDÊNCIA
GRÁFICO 7

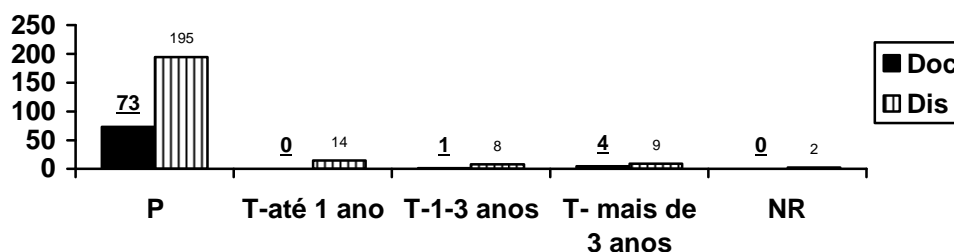


GRÁFICO 7 - Os docentes e discentes inquiridos consideraram maioritariamente a sua residência na RAM como permanente.

DOCENTES - RAM e UMa
GRÁFICO 8

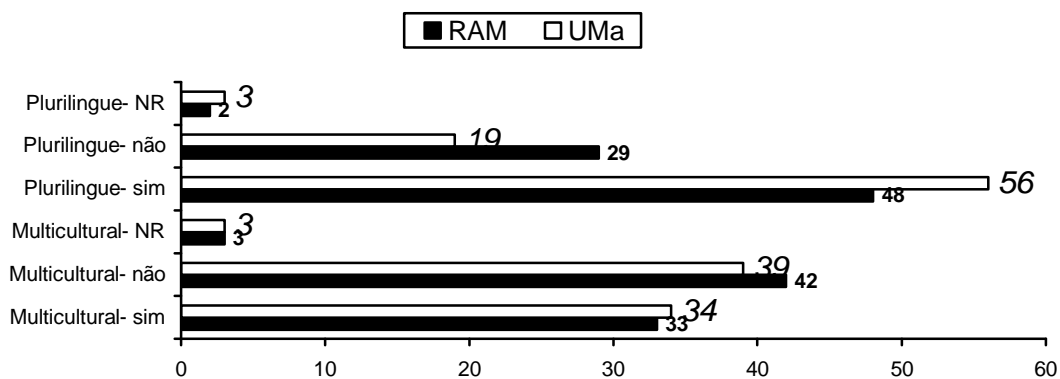


GRÁFICO 8 - Para uma ligeira maioria de inquiridos, tanto a RAM, como a UMa, são meios mais plurilingues do que multiculturais.

DISCENTES - RAM e UMa
GRÁFICO 8a

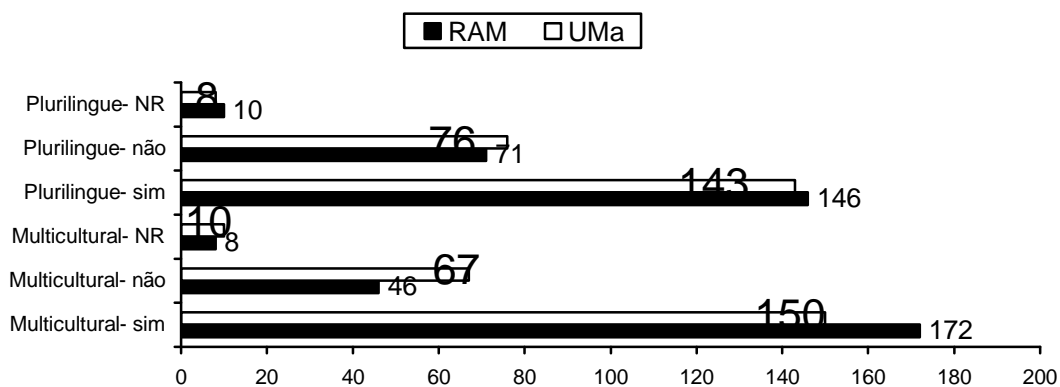


GRÁFICO 8a - Os discentes consideraram a RAM e a UMa ligeiramente mais multiculturais do que plurilingues.

DOCENTES
EXPERIÊNCIA MULTICULTURAL/PLURILINGUE NA UMa
GRÁFICO 9

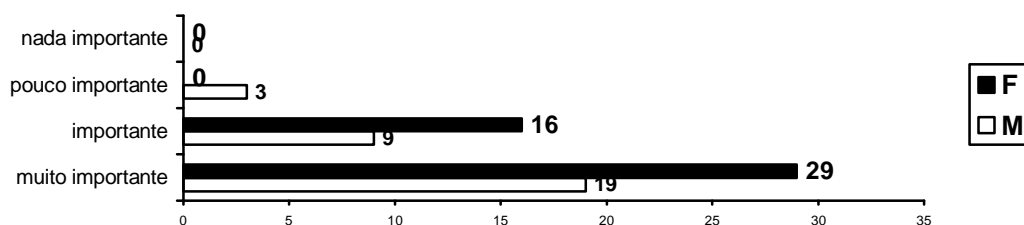


GRÁFICO 9 - Houve um maior número de docentes a considerar IMPORTANTE e MUITO IMPORTANTE a experiência multicultural/plurilingue no ambiente académico.

DISCENTES
EXPERIÊNCIA MULTICULTURAL/PLURILINGUE NA UMA
GRÁFICO 9a

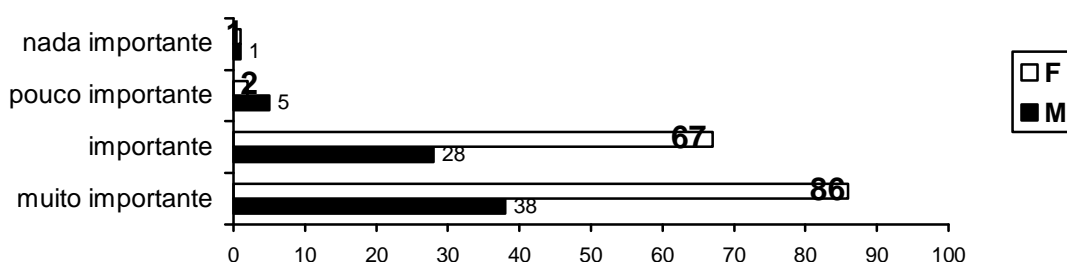


GRÁFICO 9a - Uma larga maioria de discentes avalia como IMPORTANTE e MUITO IMPORTANTE a experiência multicultural/ plurilingue na UMA.

3 - Formação/actividade

Com este ponto, procurámos averiguar a relação existente entre os inquiridos e o meio mais restrito, isto é, a universidade, tentando compreender o que teria motivado as suas opções. Estabelecemos, à partida, algumas delas, tais como “Qualidade de Ensino”, “I&D”, “Intercâmbio”, “Emigração”, “Família”, “Oferta de Emprego”, “Procura de Emprego” e “outros”.

De acordo com as respostas à pergunta 3.1, “Indique quais os principais motivos que o(a) levaram a desenvolver a sua actividade profissional na Universidade da Madeira”, Investigação e Desenvolvimento (I&D) foi a opção da maioria dos docentes, tanto do sexo feminino, como do sexo masculino. Seguem-se as razões familiares e a oferta de emprego para os docentes do sexo feminino. Quanto aos docentes do sexo masculino, são igualmente as razões familiares que predominam, além das de procura de emprego. No caso dos discentes, as razões são mais variadas. Contudo, em ambos os sexos, as opções recaem sobre razões familiares. Para um número considerável de inquiridos do sexo feminino, é também importante a procura de emprego, seguindo-se a qualidade de ensino, Investigação e Desenvolvimento (I&D), a emigração e a oferta de emprego. Para os inquiridos do sexo masculino, as razões são também variáveis, destacando-se, logo depois das razões familiares, a emigração, a qualidade de ensino, a oferta de trabalho, a procura de trabalho, Investigação e Desenvolvimento (I&D) e, ao mesmo nível, o intercâmbio. Há, porém, outras razões que levam os discentes a frequentar a UMA, como veremos infra.

Comparando os gráficos 10 e 10a, o principal motivo para os docentes desenvolverem a sua actividade na UMA prende-se com Investigação e Desenvolvimento (I&D), enquanto que, para os discentes, são sobretudo questões de ordem familiar. A par destas opções, referem outras, mais diversificadas, tais como a localização geográfica da Ilha da Madeira, o facto de não terem de sair da região (por já terem emprego, por não terem possibilidades económicas que lhes permitissem fixar residência noutro lugar), ou o facto de ser a Universidade da Madeira a única instituição de ensino superior a ter o curso pretendido (é, por exemplo, o caso dos cursos de Comunicação, Cultura e Organizações – CCO e Ciências da Cultura – CC). Alguns inquiridos mencionam o facto de escolherem a UMA com o objectivo de conhecerem outras culturas e de viverem afastados dos pais. Além daqueles que indicam estar na

Universidade da Madeira por vontade própria, há aqueles que apontam como motivo para estarem na UMa a obrigatoriedade de colocar a Instituição como primeira opção (caso do Ciclo Básico da Licenciatura em Medicina) e aqueles que, embora tenham tentado, não conseguiram colocação em nenhuma outra instituição do país. A ligação dos docentes e discentes à UMa é, portanto, multifacetada e exigiria uma análise mais detalhada, o que, evidentemente, está fora do nosso âmbito.

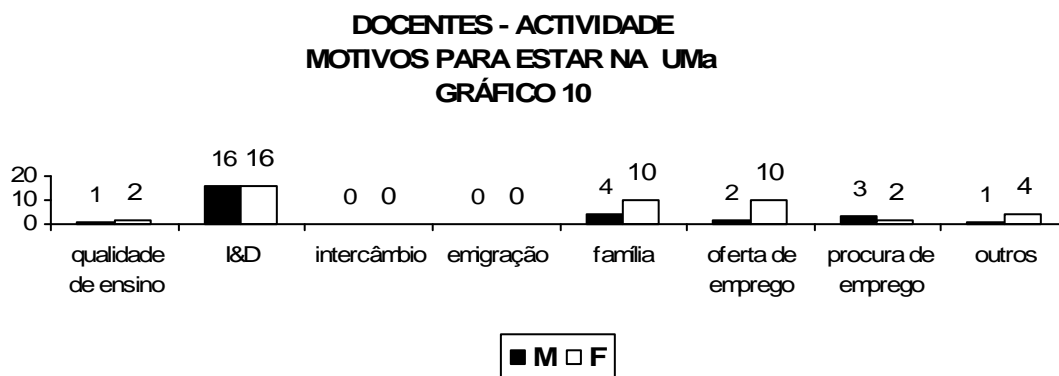


GRÁFICO 10 - O motivo que mais leva os docentes a optarem por exercer a sua actividade na UMa prende-se com o factor *I&D*, seguindo-se razões familiares.

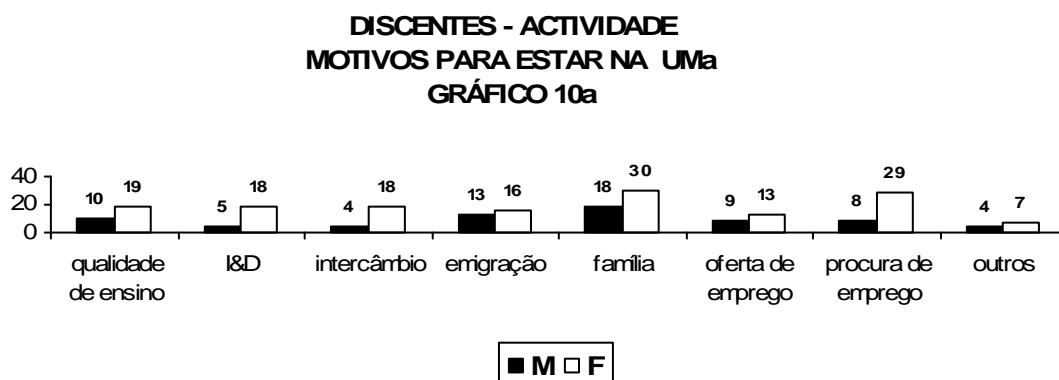


GRÁFICO 10a - São bastante variados os motivos que levam os discentes a estudarem na UMa, estando, no geral, em primeiro, lugar as razões familiares.

4 - Idiomas

Por fim, os últimos pontos do inquérito, 4. Idiomas e 5. Experiências na UMa, ligam-se directamente ao aspecto do plurilinguismo. A análise apresenta dados bastante interessantes. De acordo com os gráficos 11 e 11a, relativamente à questão 4.1, “Língua Materna” e 4.2, “Línguas que fala”, sobre os idiomas mais falados pelos docentes e discentes da UMa, depreendemos que o português, apesar de mais falado, não é a Língua Materna de todos. Há docentes de língua espanhola, francesa, alemã e inglesa e discentes cuja língua materna é o espanhol, o checo, o neerlandês, o polaco e o ucraniano. Este facto permite-nos confirmar a ideia de plurilinguismo dominante na UMa (Gráficos 11 e 11a). A língua estrangeira mais falada, quer pelos docentes, quer

pelos discentes é, em primeiro lugar, o inglês⁹, seguindo-se o francês¹⁰. Depois, vem o português para os docentes e o espanhol para os discentes. Tanto uns, como os outros, falam várias línguas estrangeiras, havendo uma minoria que não domina qualquer uma: apenas um docente em 78, ou seja, 1,3%, e 15 discentes em 226, isto, 6,6%.

Da análise às respostas das perguntas 4.3, “Fala e escreve Português?” e “Onde aprendeu?”, obtivemos, para os dois grupos de inquiridos, um considerável número que indica, quase ao mesmo nível, a família e a escola/universidade. Contudo, apontaram outras respostas, mas menos significativas, tais como o local de trabalho e cursos particulares.

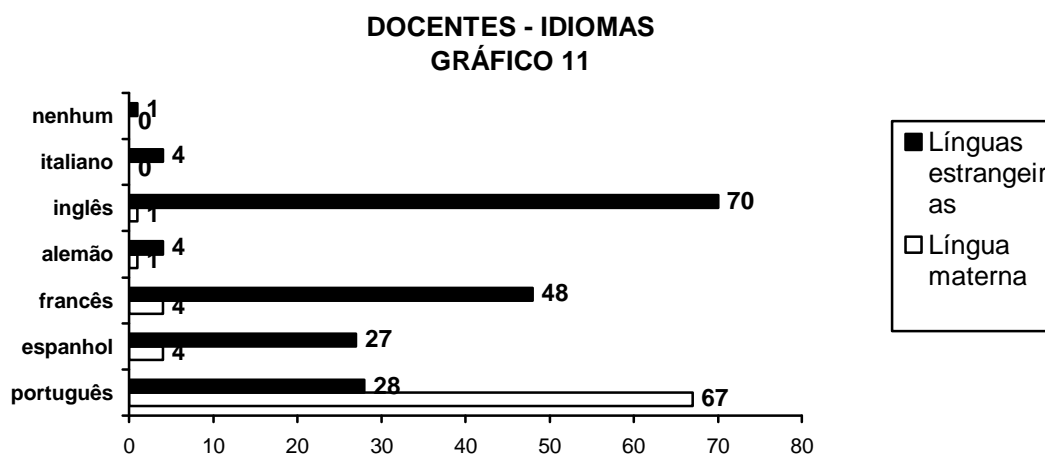


GRÁFICO 11 - O português é a língua materna mais falada pelos docentes, enquanto que o inglês é a língua estrangeira que mais dominam, seguindo-se o francês.

⁹ Relativamente ao predomínio do inglês como língua estrangeira mais falada, afirma Miquel Siguan: “No passado, a pressão de umas línguas sobre as outras resultava sobretudo de invasões e conquistas. Hoje, os indivíduos deslocam-se de um lugar para o outro e as informações audiovisuais circulam sem dificuldade a qualquer distância. Assim, as possibilidades de as línguas entrarem em contacto num mesmo espaço multiplicam-se, podendo falar-se de sociedades cada vez mais cosmopolitas e plurilingues. Surge então a necessidade de utilizar certas línguas como línguas de comunicação acima das fronteiras linguísticas e as línguas que desempenham esta função adquirem uma posição predominante. Não é um fenómeno exclusivo da Europa, verificando-se à escala mundial. Como é sabido, há uma tendência crescente para se utilizar o inglês como língua principal nestes intercâmbios, uma tendência que se pode explicar de diversas maneiras mas cuja explicação mais razoável é atribuível ao maior poder económico dos países de língua inglesa. Falta acrescentar que, uma vez estabelecida a tendência, esta auto-alimenta-se tornando-se irreversível.” (1996, pp. 250-251).

Acerca do assunto, podemos lembrar a medida política recente sobre o ensino do inglês nos níveis mais elementares do Sistema Educativo Português.

¹⁰ Apesar de ter perdido importância, constatamos que não deixa de ter relevância, ocupando o segundo lugar das línguas estrangeiras mais faladas, apesar de haver um número considerável de luso-descendentes de origem hispânica.

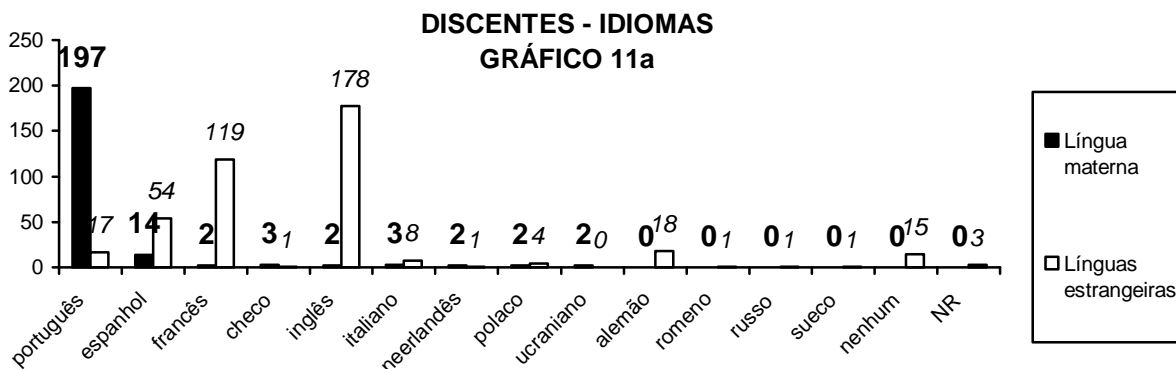


GRÁFICO 11a - O português é a língua materna da maioria dos discentes, sendo o inglês a língua estrangeira mais falada, seguindo-se-lhe o francês.

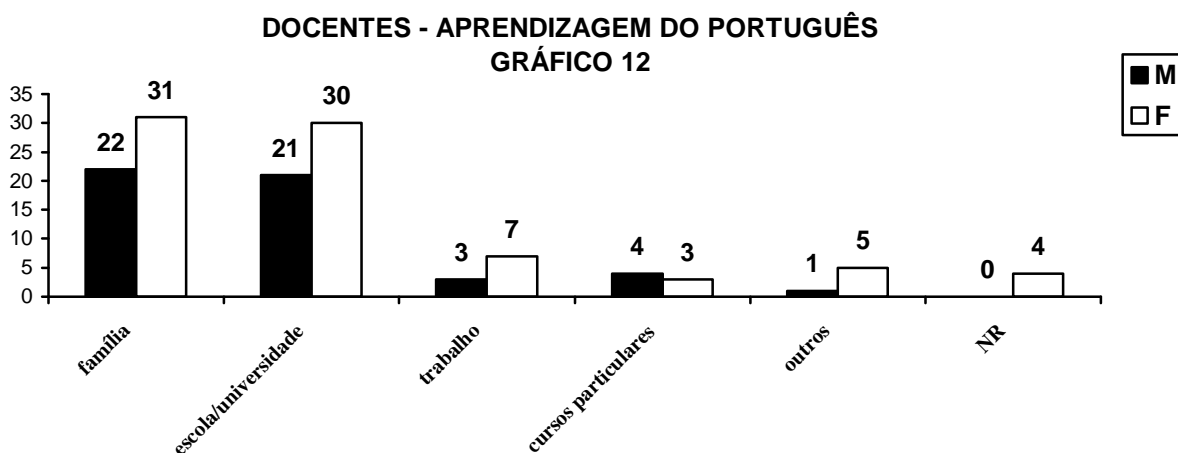


GRÁFICO 12 - A maioria dos docentes afirma que aprendeu português no ambiente familiar e nos diversos níveis de ensino, incluindo o universitário.

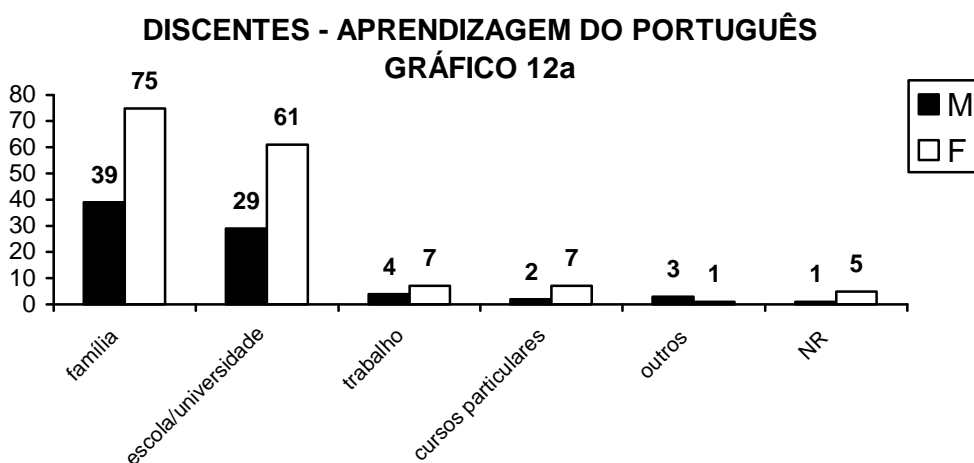


GRÁFICO 12a - Os discentes indicam a FAMÍLIA e a ESCOLA/UNIVERSIDADE como os ambientes predominantes onde aprenderam português.

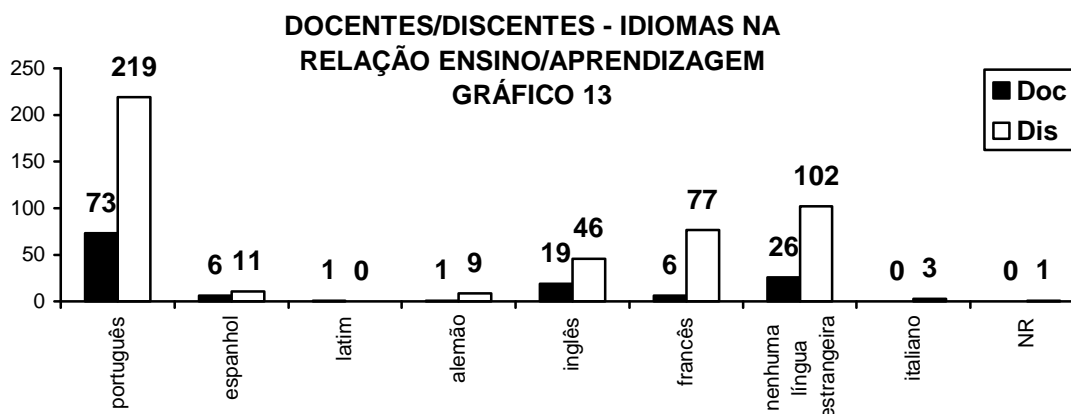


GRÁFICO 13 - Na relação de ensino-aprendizagem, a maioria dos principais intervenientes fala português, havendo um considerável número que fala francês, inglês, espanhol e alemão.

5 - Resultados da sua experiência na UMA

Para este ponto, colocaram-se várias perguntas cuja análise nos leva a depreender que os docentes e discentes não encaram da mesma forma a sua experiência na UMA. No grupo V, 5.1, “Na relação com os discentes/docentes, fala Português?”, 5.1.1, “Fala outra(s) língua(s)?” e 5.1.2, “Quais?”, constatámos que a língua que a maioria dos fala, na relação ensino-aprendizagem, é, indubitavelmente, o português. Apenas 6 discentes em 226 e 11 docentes em 78 não dominam a língua portuguesa, ou seja, 3% e 14,1%, respectivamente. Há, igualmente, um considerável número que não fala qualquer língua estrangeira. Todavia, das referidas por ambos, destaca-se o inglês e o francês. A fim de entendermos a visão que tinham sobre o plurilinguismo académico surgiu a pergunta 5.1.3, “Pensa que este facto é uma mais valia?”. No conjunto, 35% dos docentes não responderam, o que não permitiu uma análise adequada dos dados. Contudo, das respostas obtidas, 48% consideraram o plurilinguismo uma mais-valia. O mesmo não se verificou com os discentes, já que 84% consideraram o plurilinguismo uma mais-valia.

Um aspecto importante na análise foi o de compreender a relação dos docentes/discentes com a bibliografia em língua estrangeira, de onde resultaram as perguntas 5.2., “Costuma recomendar bibliografia em língua estrangeira?” e 5.2.1, “Considera estas leituras vantajosas para a sua formação?”. Obtivemos 95% de respostas positivas para os docentes visto que costumam recomendar bibliografia em língua estrangeira. É, no entanto, curioso verificar que apenas metade dos discentes a lê (cf. gráfico 15a). Por sua vez, do conjunto dos discentes, 81% consideraram-na vantajosa, apesar de 50% confessarem que não a lê.

**DOCENTES - PLURILINGUISTO
UMA MAIS-VALIA?
GRÁFICO 14**

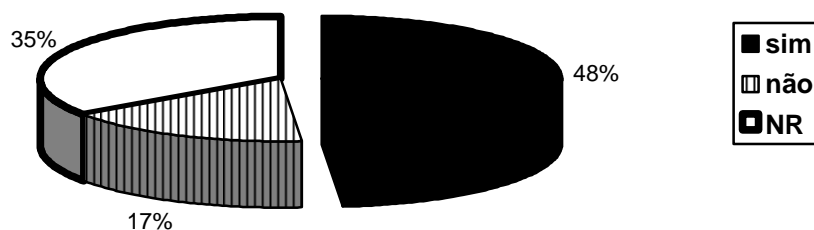


GRÁFICO 14 - Um grande número de docentes não respondeu se considerava o plurilinguismo uma mais-valia na relação educativa, havendo, contudo, 48% que consideraram que o era.

**DISCENTES - PLURILINGUISTO
UMA MAIS-VALIA?
GRÁFICO 14a**

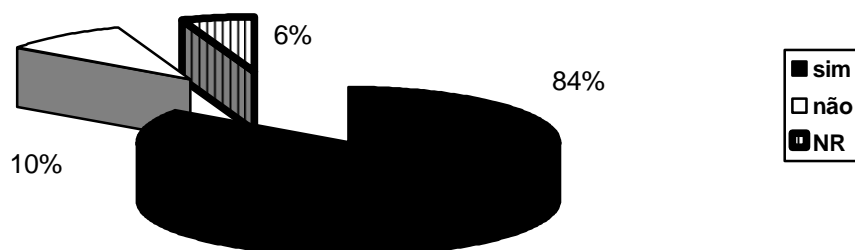


GRÁFICO 14a - Uma larga maioria de discentes respondeu ser uma mais-valia falar várias línguas na relação educativa.

**DOCENTES - RECOMENDA BIBLIOGRAFIA EM LÍNGUA
ESTRANGEIRA?
GRÁFICO 15**

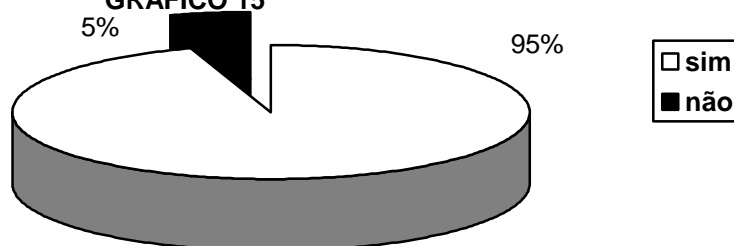


GRÁFICO 15 - Quase todos os docentes recomendam bibliografia em língua estrangeira.

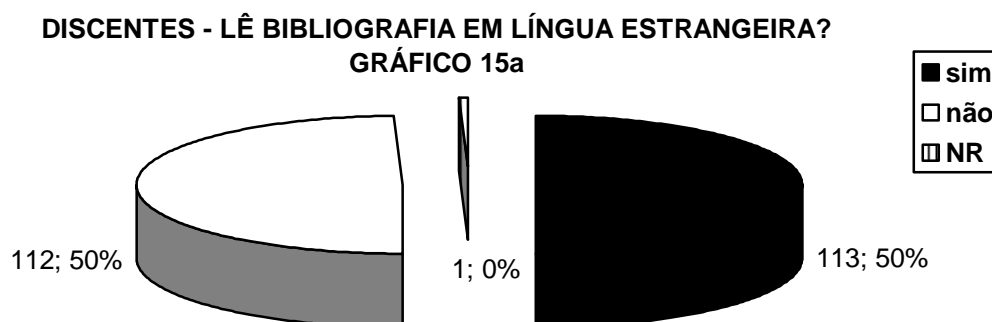


GRÁFICO 15a - Metade dos discentes inquiridos não lê bibliografia em língua estrangeira.

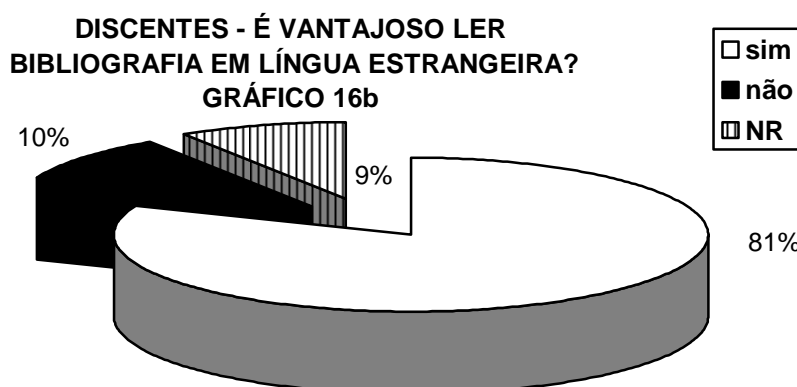


GRÁFICO 15b- A maioria dos discentes julga vantajoso ler bibliografia em língua estrangeira.

Das respostas aos inquéritos e da leitura comentada dos gráficos, concluímos que a análise permitiu cruzar informações e tirar diversas ilações quanto à compreensão do fenómeno de interligação entre multiculturalismo e plurilinguismo na academia madeirense. São os próprios discentes que reconhecem, nas “observações/comentários”, o ponto 6 do inquérito no qual nos baseámos para fundamentar as nossas conclusões, a importância do relacionamento com pessoas de outras culturas e de outras línguas como forma de viver em harmonia. Sugerem, para isso, a realização na UMa, de cursos livres de línguas estrangeiras, tais como de espanhol, alemão, italiano, russo ou mesmo outras, aparentemente menos usuais. Seria uma forma de enriquecimento pessoal e uma contribuição para a preservação e o fortalecimento de laços culturais entre os diversos países.

No que concerne ao desenvolvimento de competências em diversas línguas estrangeiras são também os próprios alunos a considerarem ser uma mais-valia, não só a nível de enriquecimento pessoal e cultural, como também uma maneira de estarem melhor preparados para trabalharem em outros países. Talvez seja a razão pela qual alguns discentes lamentam o facto de o plano de estudos do seu curso não conter qualquer língua estrangeira obrigatória (caso das licenciaturas em Artes Plásticas, Design/Projectação, Educação Sénior, Serviço Social, Psicologia, Educação Física e Desporto, Biologia, Química, Bio-Química, Matemática, algumas das Engenharias e Ciclo Básico da licenciatura em Medicina). Acrescem, contudo, outras opiniões como, por exemplo, as de alunos do curso de Gestão que consideram pertinente haver disciplinas de língua estrangeira no seu plano de estudos, mas preferiam que as mesmas não entrassem na média final de licenciatura. Outros, reconhecendo que a UMa goza de um ambiente multicultural, propõem ainda a realização de conferências sobre assuntos

de natureza internacional que contribuíssem para a formação dos alunos e, assim, também, para o esbatimento de fronteiras entre povos e culturas.

Esperamos ter demonstrado, com este estudo, que o plurilinguismo existente na Universidade da Madeira é um caso de multiculturalismo, revelando-se ambos fundamentais no desenvolvimento dos estudantes num mundo que tende para a globalização. Retomando uma citação da obra de Miquel Siguan, sobre o projecto Europeu, que podemos alargar ao mundo inteiro, com ele afirmamos:

“Só no dia em que os alunos de hoje e os cidadãos europeus [e também os não europeus] de amanhã aprenderem a sua história nacional em função da história comum europeia [mundial] e se acostumarem desde a escola a considerar que a sua identidade nacional é solidária com a sua cidadania europeia [e mundial] poderemos acreditar que estamos a avançar na construção de uma Europa unida e diversa [um mundo unido e diverso], de uma Europa [e de um mundo] onde a pluralidade de línguas não é um obstáculo à comunidade de objectivos. E só na medida em que avançarmos por este caminho podemos propor aos europeus [e aos não europeus] a aquisição de outras línguas como enriquecimento pessoal e como contribuição para a solidariedade europeia [mundial]. É sabido e repetido frequentemente que Jean Monet, depois de fazer tanto pela construção europeia, dizia que, se tivesse de começar de novo, em vez de começar pela Europa da economia, o faria pela Europa da cultura.” (1996, pp. 263-264).

Referências bibliográficas

- CARITA, Rui (s. d.). *Colégio dos Jesuítas do Funchal*. [s. l., s. n.].
- CASTRO, Zélia (2005.09.15). Os estudantes com idades mais avançadas frequentam os cursos de Artes Plásticas, Ciências da Cultura e Gestão. *Diário de Notícias*, Madeira.
- LOBO, Andreia (2005.12). Todos diferentes, todos diferentes. *A página da Educação*, Ano 14, n.º 151.
- LOURENÇO, Eduardo (2001). *Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. São Paulo, C.^a das Letras.
- MOURA, Jean-Marc (2002). *Les Études littéraires francophones: État des Lieux*.
- SIGUAN, Miguel (1996). *A Europa das Línguas*. Lisboa, Terramar.

Visão n.º 709, de 5 a 11 de Outubro de 2006.

www.uma.pt